

## **A REVELAÇÃO DO CRISTO OCULTO** **Hierarquias Celestiais e Salvação na Ascensão de Isaías**

Monika Ottermann<sup>1</sup>  
São Bernardo do Campo, SP

### **1. Introdução: O documento literário**

A “Ascensão de Isaías” é uma obra pseudepígrafa do fim do 1º século que usa o nome e a figura do profeta veterotestamentário Isaías. Ela divide-se em duas partes principais, o “Martírio de Isaías” e a “Visão de Isaías”.

A primeira parte, nos capítulos 1-5, é o chamado “Martírio de Isaías”, uma obra judaica que narra a morte violenta do profeta, sofrida a mando do rei Manasses, que teria perseguido o profeta por causa de seus ensinamentos, principalmente sua afirmação de ter visto Deus (cf. Is 6). Quando Isaías se refugiou no tronco oco de uma árvore, Manassés teria mandado serrar este tronco causando, assim, a sua morte.<sup>2</sup> A datação desta versão do “Martírio” é incerta, mas a lenda na qual ela se baseia já era conhecida no 1º séc. EC. Isso mostra a Carta aos Hebreus 11,36-37, quando fala da “grande nuvem de testemunhas” no povo de Israel: “Outros, enfim, foram humilhados e surrados, amarrados e jogados na prisão. Foram apedrejados, *serrados ao meio*, mortos a fio da espada...”

No meio desta primeira parte encontra-se uma interpolação cristã, em 3,13-4,22, provinda do redator final que juntou as duas partes. Para a nossa análise da segunda parte, a “Visão de Isaías”, esta primeira tem pouca importância, mas nos informa sobre o imaginário judaico por trás da idéia do “destino da árvore” que tem um papel significativo na “Visão de Isaías”.

Esta “Visão de Isaías” (caps. 6-11) é uma obra cristã que foi unida ao “Martírio de Isaías” pelo redator final que, para este fim, criou o seu primeiro capítulo (cap.6) e uma pequena conclusão em 11,41-43.

---

<sup>1</sup> Monika Ottermann é Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

<sup>2</sup> Cf. KNIBB, Michgael A. *Martyrdom and Ascension of Isaiah: A New Translation and Introduction*. In: CHARLESWORTH, James Hamilton. *The Old Testament Pseudepigrapha: Vol 2: Expansions of the “Old Testament” and Legends, Wisdom and Philosophical Literature, Prayers, Psalms, and Odes, Fragments of Lost Judeo-Hellenistic Works*. Nova Iorque: Doubleday, 1985, p.147-156

Por causa da situação histórica que vislumbra nela e certas idéias comuns com escritos canônicos, devemos datar esta redação final no fim do séc.1 ou início do séc.2. Portanto, o corpo central da obra é mais antigo ainda, podendo ser atribuído às últimas décadas do séc.1, sem a necessidade de se supor uma lenda judaica mais antiga na sua origem.<sup>3</sup> Isso o torna contemporâneo aos últimos escritos cristãos que foram canonizados, principalmente o Evangelho e as Cartas de João, as Cartas Pastorais e o Apocalipse de João. Desta maneira, a Visão de Isaías é um documento extremamente importante para a reconstrução das raízes do cristianismo e para o entendimento do imaginário religioso plural na época em que se formaram as raízes das doutrinas cristãs vigentes.

As várias partes da Ascensão de Isaías foram redigidas em grego ou, no caso do Martírio, em hebraico e traduzido numa fase primitiva para o grego. O texto grego, por sua vez, foi traduzido em várias línguas: etíope, latim, eslavo e copta. A tradução etíope, provavelmente do séc. 4 ou 5, é a mais importante pois é a única que preservou uma versão completa da obra. Na crítica textual, ela é examinada a partir dos quatro manuscritos que foram preservados e comparada com duas traduções tardias (latina e eslava), que, entretanto, vêm de uma mesma corrente de recensão. Importante ainda é a chamada “Lenda Grega” que, apesar de ser uma versão bastante diferente, permite perceber em vários momentos a palavra grega que deve estar por trás da tradução etíope.<sup>4</sup> Em geral, devemos admitir que as variantes textuais apresentam uma das maiores dificuldades para uma análise e interpretação da As/s, mas que uma visão geral das tendências de certas traduções permite, em vários casos, perceber seus interesses em modificar o texto mais antigo que chegou até nós, ou seja, o etíope. Neste ensaio baseio-me na mais recente edição e tradução da As/s, publicada por Paolo Bettio,<sup>5</sup> assumindo a reconstrução do texto proposto por ele e discutindo variantes textuais apenas quando são relevantes para a interpretação.

Em português existe uma tradução muito livre e por vezes errônea publicada pela editora Mercuryo<sup>6</sup> e, para o uso provisório, minha própria tradução que tem por base a tradução crítica alemã de Johannes Flemming e Hugo Duensing, a tradução crítica inglesa de Michael A. Knibb e, principalmente, a tradução crítica italiana de Bettio mencionada em cima.<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> Cf. HALL, Robert G. Isaiah's Ascent to See the Beloved: An Ancient Jewish Source for the Ascension of Isaiah? In: *Journal of Biblical Literature* 113, 1994, p.463-484.

<sup>4</sup> Knibb, op. cit., p.144-146.

<sup>5</sup> BETTILO, P., GIAMBELLUCA Kossova, A., LEONARDI, L., NORELLI, E., PERRONE, L. (orgs). *Ascensio Isaiae: Textus*. Turnhout: Brepols, 1995. (Corpus Cristianorum, Series Apocryphorum, v.7).

<sup>6</sup> TRICCA, Maria Helena de Oliveira (org.). *Apócrifos: Os Proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995, p.65-100

<sup>7</sup> Knibb, op. cit., p.156-176; FLEMMING, Johannes, DUENSING, Hugo. Die Himmelfahrt des Jesaja. In: HENNECKE, Wilhelm, SCHNEEMELCHER, Edgar(orgs). *Neutestamentliche Apokryphen in deutscher Übersetzung: Volume II: Apostolische Apokalypsen und Verwandtes*. 3 ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 1964, p. 454-468.

A linguagem da Visão de Isaías é inclusiva, ou seja, são usadas exclusivamente formas masculinas onde devemos supor também a presença de mulheres. Isso é o caso dos “justos” – é óbvio que entre as pessoas justas mortas encontram-se mulheres – e o caso dos “profetas” – temos indícios para a presença de profetisas no círculo do Isaías histórico, por exemplo no cap. 8<sup>8</sup>, e para a atuação de profetisas cristãs (cf. 1 Cor 11,5 e a polêmica contra Jezabel, Ap 2,20). Parece-me difícil, porém, ter uma idéia mais clara a respeito da possível presença de profetisas no círculo profético do autor da Visão de Isaías. Por isso optei pela tradução *peçoas justas* onde se traduz tradicionalmente *justos*, mas pela tradução “profetas” (palavra masculina entre aspas) onde se fala das pessoas que pertencem ao círculo profético do autor. Que este autor era homem e não mulher podemos deduzir justamente do seu uso da linguagem inclusiva e da total falta de figuras ou experiências femininas, exceto uma Maria bastante a-corporal mencionada em função da vinda milagrosa ao mundo do Bem-Amado.<sup>9</sup>

## 2. “Isaías” e a Experiência Mística de Viagens Celestiais

O autor da Visão de Isaías assume o pseudônimo “Isaías” com claras referências ao profeta Isaías que viveu no séc. VIII a.C. Portanto, ele reclama para si a autoridade de um dos profetas mais consagrados na tradição judaica e também cristã. Isaías foi altamente estimado entre os primeiros cristãos, especialmente na aplicação dos seus “oráculos messiânicos” a Jesus.<sup>10</sup> Temos também indícios de que o profeta histórico (cf. Is 1-39) atuou juntamente com um grupo de profetas e profetisas (Is 8,3-4.16-20) e a atuação dos chamados Deutero-Isaías (Is 40-55) e Trito-Isaías (Is 56-66) mostra que deste grupo nasceu uma escola profética que sobreviveu o exílio babilônico. Tudo isso deve ter tornado a figura de Isaías uma opção excelente para um grupo de profetas (e profetisas?) cristãos que estava procurando um modelo de identificação. Além destes motivos gerais que favoreceram a escolha do pseudônimo, existem dois particulares que a tornam extremamente conveniente:

Em primeiro lugar, na base de Is 6,1-13, no judaísmo pós-exílico Isaías foi tido como o único ser humano que “viu Deus” e sua visão de Deus é comumente interpretada como sua participação no

---

<sup>8</sup> KNAUF, Ernst Axel. Vom Prophetinnenwort zum Prophetenbuch: Jesaja 8,3f im Kontext von Jesaja 6,1-8,16. In: *lectio difficilior – European Electronic Journal for Feminist Exegesis*, 2/2000, [www.lectio.unibe.ch/](http://www.lectio.unibe.ch/).

<sup>9</sup> Já que outros escritos cristãos mencionam mulheres justas como Sara, Rebeca (Rm 4,19; 9,9; Hb 11,11) e Raab (Hb 11,31), poderíamos esperar a menção de mulheres no elenco das pessoas justas famosas que Isaías encontrou no 7º céu (cf. 9,7-9). Por outro lado, os nomes de pessoas justas no céu parecem pertencer a listas já padronizadas que são, como a literatura místico-apocalíptica em geral, extremamente androcêntricas.

<sup>10</sup> Cf. p.ex. a citação de Is 9,1-11 em Mt 4,12-17 e de Is 53,1 combinado com 6,9-10 em Jo 12,37-43.

conselho celestial (Is 6,8-13).<sup>11</sup> Como isso supõe seu acesso a regiões celestiais, esta visão é tida como o exemplo mais antigo preservado de uma chamada “viagem ao céu”, motivo este que se torna central na apocalíptica e mística judaica.

Em segundo lugar, de acordo com a lenda judaica preservada em dois Talmudes, o Babilônico e o de Jerusalém,<sup>12</sup> Isaías foi martirizado dentro de uma árvore. Isso torna sua morte parecida à morte de Jesus e este fato de serem irmanados no “destino da árvore” (8,12) é alegado para justificar porque somente Isaías, entre todos os seres humanos, é capaz de ver também a visão da atuação salvífica do Bem-Amado e levar este conhecimento à sua comunidade.

Na ficção literária da Ascensão de Isaías, o meio didático principal para dar credibilidade aos seus ensinamentos é a profecia *ex-ventu*, baseada num elemento tradicional da mística judaica, o das viagens ao céu. O enredo da Visão de Isaías é baseado no entrelaçamento de várias viagens celestiais empreendidas por seus dois protagonistas: Isaías e o Bem-Amado. O próprio visionário, Isaías, empreende uma viagem ao céu e acompanha a viagem de descida e ascensão do salvador.

No capítulo 6, que funciona como ponte entre a primeira e segunda parte da obra e como introdução à segunda parte, o redator final descreve uma visita do profeta Isaías à corte de Ezequias que provoca a vinda de um grande número de “profetas” e “filhos de profetas”, obviamente discípulos de Isaías. Enquanto está profetizando, Isaías entra em êxtase – temos aqui em 6,10-15 uma das descrições mais detalhadas deste estado físico-psíquico que se encontram nos escritos judaicos e cristãos. Neste êxtase ele experimenta uma viagem pelos sete céus que ele depois relata aos seus adeptos (6, 6,16-17; 11,36-40). Isaías viaja ao 7° céu (7,13-9,6) e volta para a terra (subentendido em 11,35-36), guiado por um anjo (7,2-5), sendo transformado sucessivamente até que seu corpo torne-se igual ao corpo celeste dos justos que já se encontram no 7° céu (7,25, cf. 8,14-15).

O salvador, por sua vez, em geral chamado de Bem-Amado (cf. 7,17.23), viaja por ordem da Grande Glória, isto é, Deus, do 7° céu para a terra e o Sheol (ordem dada em 10,8-10 e cumprida em 10,18-31), e ascende novamente ao 7° céu (ordem em 10,14-15, cumprimento em 11,23-32). É interessante notar que o título “Bem-Amado” também nos escritos canônicos é usado em contextos que mostram a

---

<sup>11</sup> Lembremos, porém, de que também a escrava egípcia foragida Agar e o fugitivo patriarca trapaceiro Jacó viram Deus face-a-face, na terra (cf. Gn 16 e 32). Também o profeta Miquéias Ben Jemla recama para si ter visto “YHWH sentado em seu trono e todo o exército do céu de pé à direita e à esquerda de YHWH” (1Rs 22,19). Isso mostra que a fé em Javé inicialmente permitiu o conceito de uma imanência muito maior do que foi admitido posteriormente.

<sup>12</sup> Talmud Babilônico, Yeb 49b, e Talmud de Jerusalém, y.Sanh 10,2; de acordo com Knibb, op. cit., p.145-146.

interconexão do céu com a terra: no momento do céu aberto no batismo e na transfiguração de Jesus (Mc 1,9-10; 9,1-13 e paralelos) e na caracterização de Cristo como cabeça das coisas celestes e terrestres em Ef 1,3-14. A descida do Bem-Amado acontece de maneira escondida. A sua ascensão, porém, de maneira gloriosa e tem seu ápice na sua entronização à direita da Grande Glória (11,32). Na parte tida por alguns pesquisadores como interpolação tardia (11,2-22), são narradas a aparição miraculosa no mundo e a vida terrestre do Bem-Amado. Em várias ocasiões destaca-se que ele não teve um corpo humano, mas que sua proveniência e essência divina eram ignoradas pelos poderes do mundo, o que permitiu sua morte “na árvore”.

Como já mencionado, o fato de ser irmanado ao Bem-Amado no “destino da árvore” (8,12) torna Isaías capaz de ver esta visão e levar estes conhecimentos à sua comunidade. Esta comunidade é descrita, pelo redator final, como um grupo profético cheio do Espírito Santo que temo costume de comunicar-se com anjos e que acredita em viagens celestiais (6,8.17). Podemos supor, portanto, que a própria experiência extática e visionária deste grupo forneceu a base para descrever a façanha central do salvador, não em termos de suas obras e milagres na terra, mas em termos de sua capacidade de lidar com viagens celestiais, seja de maneira escondida, seja de maneira revelada, duas modalidades em que ambas atestam seu pleno poder sobre todo o cosmo.

O autor cristão da Visão de Isaías oferece seus ensinamentos na forma de uma profecia *ex-eventu*, ou seja, ele descreve como futuros acontecimentos passados. Historicamente ele escreveu algumas décadas depois da crucificação de Jesus, com a fé na função salvífica desta morte, na sua ressurreição e entronização como Salvador e Senhor já estabelecida. Mas ele elabora a opinião específica de seu círculo profético sobre estes acontecimentos e sua significância como se ela fosse a profecia do profeta Isaías, proferida na base de visões tidas no séc. 8 a.C.

Este meio retórico muito comum na apocalíptica<sup>13</sup> é reforçado ainda pelo alto preço que, na interpretação do autor, Isaías teria pagado por suas visões: o preço da sua vida. A lenda de seu martírio se baseia tradicionalmente na afirmação de que Isaías o sofreu por profetizar contra Jerusalém (Asls 3,6-7) e principalmente por alegar de ter visto Deus (Asls 3,8-10; 5,1.16). O autor da Visão de Isaías, e depois dele também o redator final da Ascensão de Isaías, relêem esta versão especificando-a no sentido das visões e profecias a respeito do Bem-Amado (Asls 5,15), interpolação do redator final, e especialmente 8,9-13 (do corpo central da Visão) e 11,41-43, também do redator final.

Aplicando outro meio literário comum da apocalíptica o autor usa duas estratégias para justificar sua ficção de tratar-se de profecias antigas, contudo desconhecidas até depois da realização dos acontecimentos profetizados: a revelação a um círculo restrito (6,17) e a ordem de fixá-la por escrito, mas de esconder o escrito (11,39).<sup>14</sup> Porém o meio literário central da Visão de Isaías é a sua viagem aos céus com a descrição de seres, ordenamentos e acontecimentos vistos neles.

Sem entrar na discussão antropológica de se, e em que medida, experiências místicas como uma viagem ao céu em estado de êxtase são meios literários ou vivências reais, quero destacar por último o grande valor que este meio literário teve na época em questão. Reclamando para si visões das esferas celestiais, vistas com seus próprios olhos<sup>15</sup>, audições de sentenças proferidas pela boca de Deus, escutadas com seus próprios ouvidos, e explicações angelicais autorizadas por Deus, recebidas pessoalmente do anjo que o guiou, o autor apoiou seus ensinamentos em argumentos que não podiam ser contestados facilmente por quem acreditava nestas experiências místicas. Além do mais, ele elencou seus filhos, o rei Ezequias e 40 profetas como testemunhas que escutaram uma porta ser aberta<sup>16</sup> e a voz do Espírito Santo conversando com ele (6,6.8.10), presenciaram seu estado de êxtase (6,10-17) e escutaram seu relato assim que ele voltou a si (6,16-17). Ele também fez questão de descrever os motivos pelos quais outras pessoas presentes não tiveram estas experiências (6,14.17).

O grande repertório de meios retóricos e literários para afirmar a veracidade e sacralidade das experiências e dos ensinamentos aqui descritos pode ser entendido também como sinal de que estes não estavam sendo aceitos tranquilamente: parece tratar-se de aspectos próprios de grupos cristãos que já viviam em situação de polêmica com outros grupos e que precisavam enumerar muitos argumentos de peso para defender seu ponto de vista. Lembremos apenas das polêmicas ou até perseguições da parte de outros grupos cristãos que não aceitaram este tipo de mística e ensinamentos, como são mostrados, por exemplo, em 1Tm 6,16: “..o Senhor Jesus Cristo ... que habita numa luz inacessível, que nenhum homem viu, nem pode ver”, ou Cl 2,18: “Que ninguém, com humildade afetada ou culto aos anjos, impeça vocês de conseguir a vitória; essas pessoas se fecham em suas visões e se incham de orgulho com o seu modo de pensar” (cf. também as polêmicas gerais em 2Pe 2,10-15).

---

<sup>13</sup> Cf. p.ex. Dn 7 e Mc 13 com paralelos.

<sup>14</sup> Procedimentos alegados p.ex. em Is 8,16 e Dn 7,28; 12,9.

<sup>15</sup> A importância do testemunho ocular de experiências místicas mostra-se, por exemplo, em 2Pe 1,16-18 onde Pedro, em favor da sua autoridade, não cita nenhum ato, ensinamento ou atitude de Jesus presenciado por ele, mas somente a sua transfiguração da qual ele era testemunha ocular.

Por outro lado, a viagem celestial como motivo favorito da apocalíptica e mística judaica perpassa também escritos canônicos do NT. O paralelo neotestamentário mais impressionante encontramos em 2Co 12,2-4.7. Numa polêmica contra seus adversários, Paulo diz de si mesmo: “Conheço um homem em Cristo, que há quatorze anos foi arrebatado ao terceiro céu. Se estava em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe. Sei apenas que esse homem – se no corpo ou fora do corpo não sei, Deus o sabe! – foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não são permitidas ao homem repetir. ... Para que eu não me inchasse de soberba por causa dessas revelações extraordinárias foi-me dado um espinho na carne...”

No Apocalipse de João, o visionário passa por experiências muito parecidas às do autor da Visão de Isaías que assim podemos sintetizar: João, arrebatado no Espírito, entra no céu; um anjo mostra e explica-lhe detalhes, mas recusa sua adoração e declara-se companheiro e servo como ele, seus irmãos profetas e das pessoas que observam as palavras deste livro.<sup>17</sup> Também 1Ts 4,15-17 fala do arrebatamento (das pessoas mortas e vivas na segunda vinda de Cristo), baseando este ensinamento explicitamente numa “palavra do Senhor”, e Fl 3,21 fala da transformação do corpo. Estes exemplos mostram que o misticismo das viagens celestiais, antigo e muito divulgado no judaísmo, entrou com todo vigor no cristianismo e, mesmo sendo uma expressão de fé que encontrou crítica de alguns grupos, foi considerado “edificador” e “orientador” para a fé através da canonização de escritos que dão testemunhos dele.

## **2. A Hierarquia celestial**

A cosmovisão judaica e cristã antiga é marcada, em geral, por uma hierarquia geográfica bem definida. O Mundo Terrestre é idealizado como uma das muitas camadas do universo. Embaixo dele encontra-se o Mundo Inferior, também chamado de Mundo dos Mortos, Inferno ou Hades. Acima do Mundo Terrestre encontra-se o Mundo Celestial: primeiro o firmamento, e acima deste uma série de sete céus.<sup>20</sup> O mais alto dos céus, o sétimo, é a morada de Deus. Ele é, por assim dizer, o paraíso, o lugar

---

<sup>16</sup> A porta aberta é outro motivo comum na descrição de experiências místicas (p.ex. Ap 4,1).

<sup>17</sup> Cf. Ap 1,1.10; 4,1-2; 17,1-3.7.15; 19,10; 21,10; 22,8-9.

<sup>20</sup> Sete céus ou multiplicidade de céus, com tronos e anjos louvando a Deus numa hierarquia nítida são atestados no NT em: 2Co 12,2; Ef 4,10; 1Tm 5,21; Hb 12,22; Ap 7,11-12; a presença de Satanás e seus exércitos nas esferas superiores em Ef 2,2 e Ap 12.

definitivo para o qual passarão as pessoas justas mortas na hora do Juízo Final. A Visão de Isaías encaixa-se perfeitamente neste padrão, mas introduz uma novidade revolucionária. Em contradição com outros escritos nos quais todas as pessoas mortas, justas e injustas, esperam o Juízo Final no Mundo Inferior, a Visão de Isaías afirma que as pessoas justas que morreram antes do Bem-Amado não estão no Mundo dos Mortos e sim no Sétimo Céu.<sup>21</sup> Sua glória e poder, porém, ainda não são completas, de modo que a plenitude lhes é conferida depois da entronização do Bem-Amado.

A geografia do cosmo é habitada por seres celestiais, divinos ou angelicais, e por seres humanos. Entendemos seres divinos como seres não criados, seres angelicais como seres criados, porém imortais, e seres humanos como seres criados e mortais. A hierarquia entre estes seres é igualmente um elemento tradicional da literatura mística e apocalíptica. No caso da Visão de Isaías, ela é especialmente bem elaborada e cuidadosamente descrita numa terminologia exata a respeito dos corpos e da essência deles. O fim principal deste cuidado especial é a afirmação de que o Bem-Amado é um ser exclusivamente divino, que também no seu papel de Salvador não assume, em momento nenhum, a natureza, ou melhor, a essência humana e nem a angelical.

Isaías descreve esta hierarquia durante sua viagem pelos cinco céus inferiores, habitados por anjos que louvam e adoram a Deus, e na sua chegada ao sétimo céu, onde se encontram anjos, pessoas justas mortas, o Anjo do Espírito Santo, o Bem-Amado e a Grande Glória. Analisando o esquema de suas descrições, mostra-se o seguinte padrão:

Pela posição no espaço, seres que pertencem a um céu superior são superiores em relação aos outros seres (7,20.31). Dentro de cada céu existe ainda uma outra hierarquia: a do centro, da direita e da esquerda. Nos cinco céus inferiores, o anjo que está no trono central é superior aos outros anjos deste céu (7,19) e os anjos à sua direita são superiores aos anjos à sua esquerda (7,15). A mesma lógica vale no sétimo céu, incluindo aqui os seres divinos, enquanto o sexto céu não tem trono central, talvez para destacar a diferença qualitativa dos tronos do sétimo céu. No sétimo céu o trono da Grande Glória encontra-se no centro (11,32) e o Anjo do Espírito Santo sempre está à esquerda do Bem-Amado ou da Grande Glória (9,36; 11,33), estabelecendo assim a hierarquia Grande Glória – Bem-Amado – Anjo do Espírito Santo.

---

<sup>21</sup> Encontramos uma descrição parecida no Apocalipse de João. Aqui, porém, trata-se exclusivamente de pessoas justas cristãs, ou seja, de pessoas que morreram depois de Jesus Cristo. A Visão faz questão de mostrar as pessoas justas do Antigo Testamento no céu – o que corresponde à sua profecia *ex eventu* – enquanto outros escritos localizam lá, ao máximo, os dois justos arrebatados, Henoc e Elias.

Pela posição no tempo, seres que louvam e adoram primeiro são diferentes e superiores aos seres que louvam e adoram depois. Isso já é o caso dos anjos à direita e à esquerda em cada um dos céus inferiores (7,15). Mas é o caso, sobretudo, dos seres que povoam o sétimo céu. Os justos do sétimo céu, inclusive Isaías, são superiores aos anjos deste céu (9,28.33.41) e superiores a todos estes são o Bem-Amado e o Anjo do Espírito Santo. Esta hierarquia é descrita pela sua seqüência na adoração da Grande Glória: num primeiro momento, o Bem-Amado e o Anjo do Espírito Santo juntos a adoram (9,40); num segundo momento os justos (podendo contemplar sua glória, 9,38.41) e, somente por último, os anjos (não podendo contemplar esta glória, 9,37.42).

### **3. A Revelação do Cristo Oculto**

Um dos objetivos centrais da viagem de Isaías é testemunhar o envio do Bem-Amado ao mundo e acompanhar sua descida escondida, ascensão gloriosa e entronização à direita da Grande Glória. Estes movimentos nos seus modos distintos – escondido versus glorioso – servem para mostrá-lo como Salvador Divino e para justificar o escândalo de sua morte na cruz.

O Bem-Amado é apresentado como salvador divino, através do qual as pessoas justas terão acesso ao 7° céu e vivência plena nas suas glórias. Sua posição divina é atestada pelo título “Senhor” que partilha com Deus (8,12.13; 9,5 etc.), mas especialmente por vários detalhes na descrição de sua glória e seu poder que são superiores às de qualquer outro ser e inferior apenas à glória e ao poder da “Grande Glória”, Deus:

E vi alguém em pé cuja glória ultrapassou a de todos, e sua glória era grande e maravilhosa. E quando eles o viram, todos os justos que eu tinha visto e todos os anjos vieram a ele. E Adão e Abel e Seth e todos os justos aproximaram-se primeiro e o adoraram, e todos eles o louvaram com uma única voz, e também eu estava cantando louvores com eles, e meu louvor era como o deles. E depois todos os anjos aproximaram-se e adoraram e cantaram louvor (9,27-29).

Num primeiro passo do processo da salvação que operada, ele é despojado de sua aparência divina e tornado semelhante aos anjos do sétimo céu (9,30). Notamos aqui, como em outros momentos, a insistência a respeito de sua superioridade aos anjos, mas ao mesmo tempo a afirmação de uma semelhança. Este fenômeno mostra que a cristologia da Asls é uma vertente da cristologia angelomórfica: elementos e atribuições típicos dos seres angélicos são aplicados ao Cristo sem que,

por isso, este seja identificado como anjo. Na AsIs é especialmente a apresentação exaustiva de hierarquias celestiais (p.ex. 9,27-29) que garante esta diferença decisiva entre Cristo e os anjos.

A sua maneira de descrever relações de hierarquia pode parecer repetitiva e cansativa. Mas devemos entendê-la como um meio narrativo – que até pode ter um caráter meditativo e mágico – que tem como fim afirmar estas hierarquias e instruir sobre seu significado. Para afirmar a divindade do Salvador a arte narrativa da Visão de Isaías baseia-se em símbolos e metáforas provenientes do mundo profético e místico, da mesma maneira como a arte narrativa da Carta aos Hebreus se baseia em imagens e metáforas provenientes do mundo sacerdotal. Em outros ambientes e tempos, este meio narrativo foi substituído pela declaração dogmática que é certamente mais resumida e racional, mas em troca, menos capaz de apelar aos sentimentos e à imaginação das pessoas que são chamadas a acreditar nela.

Logo após a sua primeira transformação, o Bem-Amado adora a Grande Glória em sinal de sua disposição a receber e cumprir a missão que esta lhe confiará (9,39-40) e recebe a ordem da Grande Glória de descer ao mundo para salvá-lo, destruindo o poder do mal (10,7-15):

Vá e desce através de todos os céus. Tu deves descer através do firmamento e através deste mundo até o anjo que (está) em Sheol, mas tu não irás tão longe como até a Perdição. E tu farás tua semelhança como a de todos que (estão) nos cinco céus, e tu deves cuidar de fazer tua forma como a dos anjos do firmamento e também (como a) dos anjos que (estão) no Sheol. E nenhum dos anjos deste mundo saberá que tu (és) comigo Senhor dos sete céus e de seus anjos. E eles não saberão que tu (estás) comigo quando com a voz dos céus, de seus anjos e suas luzes eu te chamo, e quando te levanto ao sexto céu, para que tu possas julgar e destruir os príncipes e os anjos e os deuses daquele mundo, e o mundo que é reinado por eles, pois eles me negaram e disseram 'Somente nós somos, e não existe ninguém fora de nós.' E depois tu deverás ascender dos deuses da morte ao teu lugar, e tu não serás transformado em cada céu, mas em glória tu ascenderás e te sentarás à minha mão direita, e então os príncipes e". os poderes daquele mundo te adorarão.

Estamos aqui diante de uma das muitas variantes do Mito do Salvador que descende e ascende. Esta variante, porém, não precisa ser entendida dentro do conceito gnóstico deste mito, como defenderam

exegetas antigamente.<sup>22</sup> É muito mais provável que ele tenha sido incorporado no cristianismo a partir do judaísmo helenista e dos correspondentes mitos mediterrâneos, como mostrou Charles H. Talbert.<sup>23</sup>

A Grande Glória faz questão de insistir na descida oculta do Bem-Amado, ou seja, na sua forma correspondente ao meio por onde ele passa. Em cada céu ele deve assumir a forma dos anjos daquele céu (ordem de 10,9-10 cumprida em 10,18-31) e no mundo deve assumir a forma e semelhança da carne (11,8-15). Este processo é chamado explicitamente de “transformação” em 10,18.19, e em outros momentos é usada a expressão “fazer sua forma como”. Sua passagem é dificultada pelos anjos guardiões das portas que exigem uma senha antes de deixá-lo passar e, como diz o texto, “... o Senhor (a) deu a eles para que ele não fosse reconhecido; e quando o viram, eles não o louvaram ou glorificaram, pois sua forma (era) como a forma deles” (10,24).

A respeito de sua estadia no mundo é apresentada uma lenda que contesta a idéia da encarnação, do seu nascimento como ser humano. Ele entra no mundo miraculosamente depois de dois meses de gravidez de Maria sem que esta perceba o momento do seu nascimento (11,7-8) e mama no peito apenas para “não ser reconhecido” (11,17). Na sua vida adulta, realiza sinais e milagres na terra de Israel e em Jerusalém (11,18). Finalmente enfrenta a morte, no modelo de muitos outros heróis que pagam pelas suas façanhas com o preço de suas vidas. Novamente o escândalo de o salvador divino ter sido morto por seres humanos é justificado pelo ocultamento da sua verdadeira natureza (11,19-20, cf. 11.14):

E depois disso, o inimigo o invejou e sublevou contra ele os filhos de Israel que não sabiam quem ele era. E eles o entregaram ao governador, e o crucificaram, e ele desceu ao anjo que (está) no Sheol. Em Jerusalém, de fato, vi como o crucificaram numa árvore...

Portanto, em momento nenhum o Bem-Amado assume a natureza, ou melhor, a essência humana, nem a angelical. O que ele assume é apenas a *aparência*, a *forma* de um anjo ou de um ser humano. Isso corresponde à concepção judaica e cristã, em geral, pela qual seres angelicais são imortais – enquanto o Bem-Amado morre, pelo menos na forma que assume – e seres humanos são criados, enquanto tudo indica que o Bem-Amado é um ser eterno, não criado. Este ocultamento faz com que ele não seja reconhecido nos céus nem no mundo, permite e explica seu “destino da árvore”, sua morte na

---

<sup>22</sup> Cf. p.ex. as obras de Rudolf Bultmann: *Das Evangelium des Johannes*. 16 ed. Göttingen, 1959, p.8-9; *Theology of the New Testament*. Nova Iorque: Scribner's, 1955, p.66.

<sup>23</sup> TALBERT, Charles H. The Myth of a Descending-Ascending Redeemer in Mediterranean Antiquity. In: *New Testament Studies* 22, 1976, p.418-439.

cruz. Encontramos esta mesma argumentação em 1Co 2,8: “Nenhuma autoridade do mundo conheceu tal sabedoria, pois se tivessem conhecido não teriam crucificado o Senhor da Glória.”

Outra ordem explícita manda que o Bem-Amado volte para o 7 céu, ascender *sem* transformar-se, ou seja, em plena glória. Isso acontece e provoca o susto e a adoração até de Satanás e dos anjos maus que estão no firmamento e nos céus inferiores (11,23-31):

E vi quando ele enviou os doze discípulos e ascendeu... Ele estava no firmamento, mas não foi transformado na sua forma. E todos os anjos do firmamento, e Satanás, o viram e adoraram. E existia muita tristeza quando disseram: “Como é que nosso Senhor desceu sobre nós, e não percebemos a glória que estava sobre ele, que (agora) vemos que estava sobre ele desde o sexto céu?” E ele ascendeu ao segundo céu, e ele não foi transformado, mas todos os anjos que (estavam) ao lado direito e à esquerda, e o trono no meio o adoraram, e o louvaram, e disseram: “Como é que nosso Senhor ficou escondido de nós quando ele desceu, e não o percebemos?” E da mesma forma ele ascendeu ao terceiro (céu), e da mesma forma eles o louvaram e falaram. E no quarto céu e também no quinto eles falaram exatamente da mesma maneira. Mas existia uma única glória, e dela ele não foi transformado.

O significado teológico destas ordens e sua realização encontram-se no âmbito da teodicéia e da soteriologia: por um lado, são uma maneira para explicar como era possível o Bem-Amado no mundo ser maltratado e morrer na cruz. Mas, por outro lado, afirmam que seu poder é superior a todos os outros seres e o mostra em sintonia e derivado da Grande Glória: o poder de passar desconhecido e *reconhecido*, porque tem o poder de assumir as formas e aparências necessárias para tal empreendimento (e até de conhecer e dar as senhas necessárias para a passagem). Desta maneira, o Bem-Amado já começa, na sua descida, a dominar e vencer os poderes dos céus pelos quais passa e sua aparente submissão a estes poderes é apenas um dos meios empregados para alcançar este domínio e vitória. A segunda etapa desta vitória realiza-se na sua ascensão, quando os poderes do mal o reconhecem como seu Senhor e a terceira completa esta vitória: sua divindade é revelada e confirmada de forma plena na sua entronização à direita da Grande Glória:

E vi como ele ascendeu ao sétimo céu, e todos os justos e todos os anjos o louvaram. E depois vi que ele se sentou ao lado direito da Grande Glória (11,32).

Este conjunto de ordens e sua realização apresenta o conceito de salvação na Asls: estando no Sheol, e pelo poder da voz da Grande Glória que o chama para sair dela e ascender, o Bem-Amado completa

sua vitória iniciada na descida, pois é capaz de “julgar e destruir os príncipes e os anjos e os deuses daquele mundo e o mundo que é reinado por eles” (10,12). Trata-se de uma circunscrição da ressurreição (não por força própria, mas pela força da Grande Glória) e ascensão de Jesus. Na visão da Asls, estes são dois aspectos de um único movimento que tem seu ponto de partida e ponto de chegada bem definidos: uma subida desde o mundo inferior até o sétimo céu onde será entronizado (10,14). A menção do sexto céu em 10,12 não significa o ponto de chegada desta subida, mas apenas a última esfera povoada por seres divinos que antes não o reconheceram e, portanto, adoram-no e o confessam Senhor pela primeira vez na sua subida gloriosa. É este conjunto de descida oculta desde o sétimo céu até o Sheol e de subida gloriosa desde o Sheol até o sétimo céu, acompanhado pelo reconhecimento dos anjos e poderes do firmamento e dos seis céus inferiores, que circunscreve o evento da salvação que traz a vida plena para as pessoas justas.

Também muitos escritos do NT mostram Jesus Cristo entronizado ao lado de Deus Pai.<sup>24</sup> Um resumo que se assemelha de forma surpreendente à narrativa da Visão de Isaías pode ser encontrado, por exemplo, em 1Pe 3,22: “Ele subiu ao céu e está sentado à direita de Deus, após ter submetido os anjos, as dominações e os poderes.” O Apocalipse de João, embora que fale da entronização de Jesus em 3,21, dá preferência para a imagem do Cordeiro imolado que está em pé diante do trono de Deus, mas mesmo assim recebe a realeza para sempre.<sup>25</sup>

Nestes escritos, porém, aparentemente não se discute a essência humana de Jesus Cristo, ou seja, o conceito ontológico deste ser ao qual se atribui a salvação. Por outro lado, até nos escritos do Novo Testamento que mais parecem insistir na descrição da sua humanidade, a saber os evangelhos sinóticos, encontramos afirmações contrárias, por exemplo nas narrativas da transfiguração. O Evangelho de João não fez questão de destacar a humanidade de Jesus, e a Carta aos Filipenses destaca, ao contrário, a “condição divina” de Jesus e o considera apenas “semelhante aos seres humanos”. Uma comparação com o Hino Cristológico de Fl 2 e o Hino ao Logos Divino de Jo 1 mostra que o Bem-Amado da Visão de Isaías está em boa companhia do Jesus Cristo de Paulo e do Logos e Filho do Pai de João.

Para facilitar a percepção dos paralelos, segue uma comparação que tem como fio condutor o Hino Cristológico da Carta aos Filipenses e ordena ao seu lado elementos do Hino ao Logos Divino de Jo 1 (bem como outras considerações de João), e afirmações da Visl.

---

<sup>24</sup> Lc 24,51; At 1,9-11; Ef 1,19-20; 4,9-10; Cl 2,15; Hb 8,1; 12,2.

<sup>25</sup> Ap 5,5-18; 6,1.3.5.7.9; 8,1;11,15.

<b>Carta aos Filipenses 2</b>	<b>Visão de Isaías</b>	<b>Evangelho de João 1 (e outros)</b>
Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus.	9,5 etc.: Como Deus, habita no 7º céu e é chamado “Senhor”. 9,27-32 É o Senhor do louvor de todos os céus, é adorado pelos anjos e justos. 9,35-36 É superior ao anjo superior do 7º céu, inferior apenas a Deus.	No começo, a Palavra já existia...tudo foi feito por meio dela... (3,31 Aquele que vem do alto/do céu, está acima de todos...; 8,23 ...eu sou lá de cima...; uso do Nome Divino no “Eu sou”; 11,27 Marta disse: Tu és o Messias, o Filho de Deus que devia vir a este mundo.)
Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos seres humanos.	8,26 Descenderá na <i>forma</i> humana. 10,20-30 Descendo, transforma sua <i>aparência</i> em aparência de anjo e de ser humano.	A Palavra se fez homem...  (3,13 Ninguém subiu ao céu a não ser aquele que desceu do céu...)
Assim, apresentando-se como simples homem, humilhou-se a si mesmo,	10,24-29 Dá a senha para poder descer pelos céus inferiores e 11,17 mama no peito: para não ser reconhecido.	É significativo para a teologia de João que não encontramos palavras explícitas que descrevem a humildade de Jesus – mas talvez o Lava-Pés seja um símbolo dela.
tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz!	Cumprir a ordem de Deus de descer escondidamente, sofrer o “destino da árvore” e ir até o Sheol (10,8-11) sem a menor objeção (10,16-31; 11,19-20).	A Palavra estava no mundo... mas o mundo não a conheceu... os seus não a receberam. (12,27 Estou muito perturbado... mas vou dizer ‘Pai, livre-me desta hora?’ Foi precisamente para esta hora que eu vim...; 18,11 Por acaso não vou beber o cálice que o Pai me deu?)
Por isso, Deus o exaltou grandemente, e lhe deu o nome que está acima de qualquer outro nome,	10,12-14 Promessa de Deus e 11,21.32 cumprimento da promessa: “te chamo ... e levanto minha voz para que tu possas julgar e destruir os príncipes e anjos e deuses daquele mundo ... e te sentarás à minha direita.”	Na Palavra estava a vida, e a vida era a luz dos seres humanos.... Essa luz brilha nas trevas... (5,22 O Pai... deu ao Filho todo poder de julgar...; 8,54 Quem me glorifica é o meu Pai...; 17,1-3 Pai, glorifica teu Filho...)
para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e sob a terra,	11, 23-32 Todos os anjos, justos, e até Satanás e seu exército adoram o Bem-Amado na sua ascensão gloriosa.	(5,25 ...todos os mortos que estão nos túmulos ouvirão a voz do Filho e sairão...; 12,31 agora o Príncipe deste mundo vai ser expulso...)
e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.	11,24.26 Até Satanás e seus anjos chamam o Bem-Amado na sua ascensão gloriosa de “nosso Senhor”. 7,17 Toda glória é dirigida, em última instância, a Deus Pai.	... e as trevas não conseguiram apagá-la. (5,22...para que todos honrem o Filho; 13,31 Agora o Filho do Homem foi glorificado e Deus foi glorificado nele.)

Como é fácil perceber, o Bem-Amado da Visão e sua ação salvífica são concebidos numa linha teológica que se assemelha à de Paulo (que inseriu na sua Carta aos Filipenses um hino já existente nos anos cinquenta, portanto anterior à Visão), sua escola (que, na Carta aos Efésios, dispôs com muita autonomia de elementos mitológicos ....) e de João (cujo evangelho é permeado pelo conceito do Logos e Filho do Pai, teologia contemporânea à Asís). Podemos concluir, portanto, que a cristologia da Visão de Isaías esboça idéias bastante divulgadas e aceitas na segunda metade do primeiro século cristão, especialmente as idéias de sua pré-existência e co-essência com Deus. Afirma-se enfaticamente que ele nunca deixou de ser um ser divino e a capacidade e disponibilidade de sofrer transformações na sua forma são apenas mais um fator que mostra sua divindade e seu pleno poder.

### **3. A Salvação das pessoas justas**

Um outro interesse central da Visão de Isaías é a questão da salvação, ou seja, a pergunta sobre a forma pela qual as pessoas justas são reconhecidas (7,27) e recompensadas por Deus. Esta recompensa é projetada como vida gloriosa nas glórias indescritíveis do 7º céu, especialmente na sua luz que faz a luz dos cinco céus inferiores parecer escuridão. Isaías delicia-se nessa glória e luz a ponto de não querer voltar para a terra (8,212-28; 9,6). O auge da recompensa é estar na presença da Grande Glória (9,37-38) e o acesso a tudo isso é simbolizado pelas vestes celestiais que a pessoa justa morta receberá para substituir sua veste carnal, ou seja, seu corpo mortal (7,22; 9,2.9.17). Nota-se aqui que o corpo é pensado apenas como uma veste e não como um elemento essencial da pessoa humana, uma idéia também encontrada em escritos canônicos.<sup>26</sup> Os tronos e as coroas<sup>27</sup> que esperam as pessoas justas – e que podem ser usados apenas depois da entronização do Bem-Amado – figuram igualmente em escritos do NT: Mt 19,28 e Lc 22,30 dizem que as pessoas justas sentarão, junto com Jesus Cristo, nos tronos no reino de sua glória para julgar as tribos de Israel (cf. Ap 3,21; 4,4; 11,16). Aqui, porém, como também na Nova Jerusalém descida dos céus em Ap 20, o ambiente é a terra. Por isso, uma visão que mostra pessoas justas sentadas nos tronos no 7º céu enaltece estas pessoas de maneira inédita e deve ser avaliada como um dos elementos mais chamativos da Visão de Isaías.

Na concepção da Visão de Isaías, para ser “justa” a pessoa precisa viver, em primeiro lugar, “no Espírito Santo” (11,40), como diz a advertência contida no último versículo do corpo central da obra,

---

<sup>26</sup> Falam da transformação do corpo carnal Cl 3,9; Ap 3,5; 6,11; 7,9.13-17; do corpo como mansão a ser deixada 1Co 15, 50-53 e 2Co 5,2-8; e 2Pe 1,13-14 entende o corpo como tenda a se despojar dela. Outros exemplos: Ef 2,6; 2Ts 1,7-8; Hb 1,5-14; Ap 4,4.10-11; 6,9-11; 7,9.13-17; 11,16.

<sup>27</sup> Cf. a recompensa das pessoas justas em Ap 3,11 e 4,4.10.

obviamente dirigida a seus leitores e suas leitoras: “Mas o que diz respeito a ti, esteja no Espírito Santo para que tu possas receber tuas vestes, e os tronos e as coroas da glória que estão colocados no sétimo céu.” Em segundo lugar, é preciso amar o Bem-Amado (7,23) e acreditar nas suas palavras e na sua cruz (9,26). Mas é preciso também acreditar nas afirmações mais específicas que perpassam este escrito: que somente as pessoas justas serão salvas, que Deus sabe discernir entre pessoas justas e injustas (9,22-23), e que o Bem-Amado operou esta salvação através da sua descida escondida e ascensão gloriosa, vencendo dessa maneira as forças do mal (8,26).

As obras das pessoas humanas são conhecidas e registradas nos livros que se encontram no 7° céu (9,22-23). Este é o símbolo antigo usado para afirmar a onisciência e justiça de Deus a respeito do destino de cada pessoa.<sup>28</sup> Mas no caso da Visão de Isaías, esta afirmação parece ter precisado de um reforço especial: passando pelo 3° céu, o profeta percebe o silêncio a respeito das coisas da terra e se mostra angustiado com ele, querendo saber como é, então, que nos céus os atos humanos são conhecidos. Esta pergunta encontra sua resposta apenas no 7° céu, quando são lhe mostrados os livros. Analisando este simbolismo e a situação vivencial que pode estar por trás dele, devemos lembrar também do interesse acirrado no martírio que pessoas justas sofrem por causa de vivências e confissões, exposto na primeira parte da obra.

Podemos supor, portanto, que o círculo cristão no qual nasceu a “Ascensão de Isaías”<sup>29</sup> estava marcado pela experiência da violência, especialmente da violência estrutural, do Império Romano e por medo de perseguições (cf. a afirmação de Isaías que neste mundo existe “muita escuridão”, 8,24). Se estas perseguições de fato existiam naquele momento como realidade histórica ou se estavam presentes apenas na mente do autor e de seu círculo, talvez como reflexos de perseguições anteriores, é difícil dizer. Talvez devêssemos pensar mais em conflitos entre grupos cristãos do que em perseguições organizadas pelo império. Em todo caso, a conjuntura da época como tal deve ter provocado a pergunta pelo destino da pessoa justa sofredora que é, em última análise, a pergunta pela justiça de Deus. A resposta dada mostra que esta justiça é um mistério revelável diretamente apenas a quem tem acesso a sua presença direta, ou seja, ao 7° céu (8,11). Mas este mistério pode ser revelado, por assim dizer, de segunda mão à pessoas justas comuns. Ele torna-se conteúdo de instruções fornecidas pelo místico viajante (7,1; 11,36)<sup>30</sup> que deve ter tido um papel de liderança nesta

---

<sup>28</sup> Cf. p.ex. Ap 5,1-4.7-9.

<sup>29</sup> Para uma tentativa de caracterizar este grupo, cf. HALL, Robert G. The Ascension of Isaiah: Community Situation, Date, and Place in Early Christianity. In: *Journal of Biblical Literature* 109, 1990, p.289-306.

<sup>30</sup> Veja as considerações sobre a experiência do visionário na p. 103 de: HIMMELFARB, Martha. The Experience of the Visionary and Genre in the Ascension of Isaiah 6-11 and the Apocalypse of Paul. In: *Semeia* 36, 1986, p.98-111.

comunidade ou círculo (cf. 6, 3-6). A figura do rei injusto Manassés, de quem afirma 2 Rs 21,16 que “inundou Jerusalém com o sangue das pessoas justas”, é aberta para a identificação com qualquer poderoso no topo da hierarquia do fim do séc. I EC, seja ele um chefe romano ou judaico, capaz de perseguir tal círculo de pessoas tidas como atéias ou hereges.

De certa maneira, o 7º céu é marcado pela (e solidário com) angústia das pessoas justas ainda vivas: enquanto estas pessoas não estiverem no seu meio, vestindo suas vestes, colocando suas coroas, ocupando seus tronos e juntando suas vozes no louvor e na adoração, sua glória fica incompleta (9,10.17). O grande avanço qualitativo na plenificação desta glória acontece na entronização do Bem-Amado, que tem dois efeitos colaterais: as pessoas justas já mortas, que até então usavam apenas suas vestes, podem usar agora também suas coroas e sentar-se nos seus tronos, e as pessoas justas que ascendem junto ao Bem-Amado recebem vestes, coroas e tronos instantaneamente.<sup>31</sup> Assim, as pessoas justas vivas, perseguidas e sofridas, sabem desde já que este será o seu destino: na hora de sua morte passar para uma vida feliz, plena e poderosa, simbolizada pelas vestes e coroas que receberão e pela sua posição entronizada no sétimo céu em torno da Grande Glória, do seu Bem-Amado e do Espírito Santo.

Todos estes conhecimentos e promessas são vistos por uma testemunha ocular qualificada, o visionário Isaías. Ele é um discípulo do salvador divino, mas ao mesmo tempo um mestre de outros seres humanos que são seus discípulos/as e fazem parte de seu círculo profético. Esta relação “mestre-discípulo/a” parece-me constitutiva para a elaboração da mensagem da Visão de Isaías: o Bem-Amado é o primeiro a traçar as passagens pelos céus, ligando céus e terra em prol da salvação das pessoas justas. No seguimento dele, Isaías, um discípulo muito especial por ser irmanado a ele no “destino da árvore”, realiza com sucesso as mesmas passagens e leva o testemunho disso para o seu círculo profético. Assim, também os discípulos e discípulas comuns do Bem Amado e do próprio Isaías podem seguir os caminhos de seus mestres ou, pelo menos, ter a certeza que os seguirão na hora de sua morte.

#### **4. Conclusão**

Lançando um olhar em conjunto sobre todos estes elementos, a viagem aos céus de Isaías e as descrições minuciosas dos seres, ordenamentos e acontecimentos neles vistos, vemos que eles têm uma função eminentemente instrutiva e parenética. Antes de qualquer coisa, o autor afirma a existência

da salvação graças à descida, ressurreição e ascensão do Bem-Amado. Ele documenta o poder pleno do Bem-Amado, que de forma alguma é diminuído pela morte na cruz e o mostra como um ser divino de glória singular, inferior apenas à Grande Glória, da qual seu poder e glória derivam diretamente.

Em estreita ligação a esta afirmação, o autor reforça e talvez recria a confiança na salvação e a força de resistência de pessoas justas sofridas que se sentem perseguidas e ameaçadas através da garantia das futuras glórias que recompensarão a atual miséria. Depois de sua transformação em moradoras do sétimo céu (simbolizada pelas vestes), seu poder e sua glória (simbolizados pelos tronos e pelas coroas) serão até maiores que o poder e a glória dos próprios anjos e sua alegria eterna será contemplar face-a-face a glória de Deus e de seu Bem-Amado. Esta glória e esta alegria são antecipadas nas experiências místicas vivenciadas por pessoas de destaque e compartilhadas por outras pessoas através do testemunho destes místicos.

É tudo isso que torna a função da Ascensão de Isaías eminentemente instrutiva e parenética: ela não elabora uma escatologia da presença do “Reino de Deus na Terra” e muito menos uma teologia da felicidade imanente na vida corporal. No entanto, este escrito elabora uma cosmovisão onde terra e céus, seres divinos, angelicais e humanos estão interconectados. Nesta cosmovisão, pessoas humanas que permanecem fiéis e “no Espírito Santo” são empoderadas a subir e penetrar para dentro de uma hierarquia apenas aparentemente estática e fechada e a tomar posse de seus plenos direitos e prazeres. Mesmo que estes anseios e estas promessas sejam materializadas na descrição da vida pós-morte e do corpo celestial, elas consolam, animam e re-vivificam corações e corpos humanos durante a sua vida terrestre e carnal.

Esta parênese, e não uma especulação abstrata e auto-suficiente sobre seres e ordenamentos celestiais, é o último fim da partilha das experiências místicas de um líder cristão anônimo que assumiu o pseudônimo de “Isaías”.

## **BIBLIOGRAFIA**

BETTILOLO, P., GIAMBELLUCA Kossova, A., LEONARDI, L., NORELLI, E.; PERRONE, L. (orgs.). *Ascensio Isaiae: Textus*. Turnhout: Brepols, 1995. (Corpus Cristianorum, Series Apocryphorum, v.7).

---

<sup>31</sup> Estes elementos são anunciados em 9,12. 17, mas sua realização não é narrada explicitamente. Cf. o contexto de 11,32.

BULTMANN, Rudolf. *Theology of the New Testament*. Nova Iorque: Scribner's, 1955.

BULTMANN, Rudolf. *Das Evangelium des Johannes*. 16 ed. Göttingen, 1959.

FLEMMING, Johannes, DUENSING, Hugo. Die Himmelfahrt des Jesaja. In: HENNECKE, Wilhelm, SCHNEEMELCHER, Edgar (orgs). *Neutestamentliche Apokryphen in deutscher Übersetzung: Volume II: Apostolische Apokalypsen und Verwandtes*. 3 ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 1964.

HALL, Robert G. Isaiah's Ascent to See the Beloved: An Ancient Jewish Source for the Ascension of Isaiah? In: *Journal of Biblical Literature* 113, 1994.

HALL, Robert G. The Ascension of Isaiah: Community Situation, Date, and Place in Early Christianity. In: *Journal of Biblical Literature* 109, 1990.

KNAUF, Ernst Axel: Vom Prophetinnenwort zum Prophetenbuch: Jesaja 8,3f im Kontext von Jesaja 6,1-8,16. In: *lectio difficilior, European Electronic Journal for Feminist Exegesis*, 2/2000,

KNIBB, Michael A. Martyrdom and Ascension of Isaiah: A New Translation and Introduction. In: CHARLESWORTH, James Hamilton. *The Old Testament Pseudepigrapha: Vol 2: Expansions of the "Old Testament" and Legends, Wisdom and Philosophical Literature, Prayers, Psalms, and Odes, Fragments of Lost Judeo-Hellenistic Works*. Nova Iorque: Doubleday, 1985.

HIMMELFARB, Martha. The Experience of the Visionary and Genre in the Ascension of Isaiah 6-11 and the Apocalypse of Paul. In: *Semeia* 36, 1986, 36.

TALBERT, Charles H. The Myth of a Descending-Ascending Redeemer in Mediterranean Antiquity. In: *New Testament Studies* 22, 1976.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira (org.). *Apócrifos: Os Proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995.